

A Construção Coletiva e Colaborativa da V Edição do Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária no Beiru

Priscylla Lins Leal
Doutoranda em Difusão do Conhecimento
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
E.mail: priscylla.lins@gmail.com

Resumo

Estuda-se o encontro do Encontro de Turismo de Base Comunitária a Economia Solidária – ETBCES em sua quinta edição, cujo escopo é o diálogo entre o turismo e suas questões transversais dentro da perspectiva comunitária, que atua em outra lógica e difere essencialmente da práxis de turismo convencional.

O desenvolvimento local das comunidades é o foco deste trabalho, a apropriação desse espaço, construído coletivamente e aprendizagens compromissadas com novas formas de gestão, que têm o modelo comunitário, e o respeito a um ambiente sustentável como base de modelo societário. Assim, resulta o evento coletivo e colaborativo, e suas formas participativas de atuação, seu caráter democrático. A questão norteadora deste trabalho trata sobre como o processo de construção do V ETBCES foi realizado de forma coletiva e colaborativa? Logo, e de outra forma, como se deu o processo de construção do V ETBCES no bairro do Beiru.

Palavras-chave: Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária (ETBCES). Beiru. Colaboração.

Introdução

O Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária – ETBCES está na sua quinta edição. Ele dialoga sobre o turismo e suas questões transversais dentro da perspectiva comunitária, que atua em outra lógica e difere essencialmente da práxis de turismo tradicional. No debate sobre o Turismo de Base Comunitária –TBC, o cerne da questão é quem são os verdadeiros beneficiados com o incremento do turismo. A maturação do evento ao longo do tempo ganha visibilidade e compreender o seu processo de construção torna-se relevante para reflexão e aprimoramento da própria prática.

É no desenvolvimento local das comunidades, na apropriação desse espaço, construindo coletivamente práticas e aprendizagens compromissadas com as suas dimensões que gradativamente o mundo está caminhando para o movimento de cidades em transição. É a

inversão das formas de atuação e gestão, tendo o modelo comunitário contribuindo para a transformação do modelo societário.

A perspectiva de construir um evento de forma coletiva e colaborativa além de ser uma forma de atuação participativa dá um caráter democrático à gestão do encontro. Ao ter um evento construído com os moradores do Beirú, o contexto e as necessidades da realidade comunitária tendem a emergir e nortear o processo de construção do evento. Além disso, a colaboração aumenta as possibilidades de um maior envolvimento comunitário tanto na construção como na participação.

A atuação em conjunto fortalece o diálogo nos bairros das suas reais necessidades. A intencionalidade existente nesta integração é fazer com que os bairros do Cabula sejam protagonistas do seu desenvolvimento local. Para isto, os autores devem se apropriar das reais necessidades de desenvolvimento de seus bairros, a partir da compreensão das problemáticas e potencialidades locais, gerindo iniciativas com foco no suprimento destas.

Com o desenvolvimento da autonomia, os bairros podem ter uma redução no grau de dependência das iniciativas de órgãos externos como determinantes e condutores das ações que são desenvolvidas nestes e na busca de uma atrativa basicamente de investimentos externos.

Assim, o uso de uma metodologia coletiva e colaborativa no evento pode abrir espaços para diálogo, sobre estas problemáticas bem como sobre possíveis soluções e resoluções que os moradores vislumbram para que possam ir além destes diálogos e aproveitar esse encontro de pessoas que tenham interesses em comum para mobilizar ações em continuidade.

Assim, a questão norteadora deste trabalho é o processo de construção do V ETBCES foi realizado de forma coletiva e colaborativa? Logo, o objetivo deste artigo é analisar como se deu o processo de construção do V ETBCES no bairro do Beirú.

O Turismo de Base Comunitária – TBC na Região do Cabula e entorno e a trajetória do ETBCES

O ETBCES faz parte um projeto Turismo de Base Comunitária na Região do Cabula e Entorno – TBC Cabula. O TBC está vinculado à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP/ da Universidade Estadual da Bahia – UNEB. No turismo de base comunitária as dezessete localidades abrangidas são: São Gonçalo do Retiro, Fazenda Grande do Retiro, Arenoso, Mata Escura, Arraial do Retiro, Narandiba, Pernambués,

Engomadeira, Saboeiro, Cabula, Resgate, Saramandaia, Estrada das Barreiras, Sussuarana, Santo Inácio, Doron e Beirú (SILVA, 2013; TBC, 2015).

O Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária – ETBCES está na sua quinta edição em 2015, a realizar 12 a 16 de agosto no bairro do Beirú. O primeiro evento aconteceu no dia 06 de julho de 2011, das 08 às 18 horas, no teatro da Universidade Estadual da Bahia – UNEB. Na segunda edição do evento, de 3 a 8 de julho de 2012, este amplia a programação do evento de um dia para seis dias, passa a ter a I Mostra de Cultura e Produção Associada ao Turismo e à Economia Solidária – MCPATES e com a realização no final de semana de roteiros comunitários (CECVI 2015). Na terceira edição, 10 a 14 de julho de 2013, como nas duas anteriores, foi realizado na UNEB, e no final de semana os roteiros nas comunidades, e com a realização da I Feira de Meio Ambiente e Saúde. O evento em cada edição foi ganhando robustez, consolidando os arranjos que se mantêm como pontos fortes do evento e ganhando novas perspectivas. A quarta edição do evento, com o tema “Educação, Sociedade Solidária e Meio Ambiente” – avança na proposta de sair dos muros da universidade e ser sediado todos os dias na comunidade. Acontece de 12 a 16 de novembro de 2014, no bairro do Pernambués, no Colégio Estadual Aliomar Baleeiro (SILVA, 2013; UNEB, 2015).

O TBC e o ETBCES atuam em uma perspectiva de difusão do conhecimento dos dezessete bairros para si e entre eles, no conhecimento e reconhecimento de seus talentos e atrativos naturais, culturais, históricos, paisagísticos, dentro outros. A exemplo da represa do Prata; dos terreiros de candomblé Bate Folha na Mata Escura e Ilê Axê Opô Afonjá em São Gonçalo do Retiro; do grupo CULTARTE, que é um grupo de artesões; das festas populares como a do Terno de Reis Rosa Menina; os grupos de capoeira Vôo do morcego e Topázio, no Beirú (SILVA, 2013; TBC, 2015).

O tema sociedade em transição, cultura de paz e sustentabilidade

A definição do tema desta edição, Sociedade em Transição, Cultura de Paz e Sustentabilidade se deu em decorrência ao evento do dia 06 de fevereiro deste ano na Estrada das Barreiras, onde doze pessoas morreram em uma troca de tiros com a polícia. Esse contexto trouxe a reflexão do grupo iniciador da organização do evento em como dialogar com esta realidade. A intenção não era falar de violência e potencializar este discurso, mas de caminhos que trouxessem outras possibilidades, viver em uma outra realidade além da violência. A partir disto é que surgiram as questões: como construir uma cultura de paz? Como tecer uma rede de

paz? Assim a paz é o caminho visualizado para a transição de uma cultura que fomenta a violência, e falar de paz no ETBCES é dar um passo para estimular essa prática, dialogar sobre ela e trazer perspectivas de análise desta relacionadas ao cotidiano.

A cultura de paz se baseia no respeito aos direitos individuais e coletivos, na prática da tolerância e solidariedade nas relações; tendo o diálogo, a negociação e a mediação como estratégias que possibilitem a resolução não-violenta dos conflitos (ABRAMOVAY, 2001).

Desenvolver uma cultura de paz é construir novas alternativas de convivência pela criação de espaços para o diálogo, que estimule o coletivo – interessado em viver em territórios não-violentos – a viver e promover o respeito, a liberdade, a equidade, a tolerância, com vista a assegurar a prática dos direitos humanos nas relações entre organizações e pessoas que convivem em um mesmo território. Práticas que fortaleçam uma trajetória que tenham em comum uma convivência pacífica no enfrentamento de suas problemáticas, na realização de intervenções afirmativas e que fomente o exercício pleno da cidadania.

Um dos princípios da Carta da Terra (1992) é a promoção de uma cultura de tolerância, não violência e paz. Neste princípio é elencado que “reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte”. É nas relações em que se deve buscar o entendimento mútuo, e o uso de estratégias de cooperação e colaboração que venham prevenir bem como resolver conflitos.

O ano de 2000 foi proclamado o Ano Internacional pela Cultura de Paz e o período de 2001 a 2010 foi declarado como a Década Internacional pela Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo na resolução 53/25 de 10 de novembro de 1998, pela Assembleia Geral das Nações Unidas e em consonância com a atuação da UNESCO (ADAMS, 2007). O Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência surge em Paris, no movimento preparação do Ano Internacional, cujos seis pontos são: respeitar a vida, rejeitar a violência, ser generoso, ouvir para compreender, preservar o planeta e redescobrir a solidariedade (DISKIN, 2002).

A necessidade de reformular a forma como as pessoas se expressão – o falar e o ouvir – o uso da linguagem e das palavras, é que foi estruturado o processo da Comunicação Não-Violenta – CNV proposto Marshal Rosenberg (2006) para resolução pacífica de conflitos e que se divide em duas partes, o expressar honestamente e o receber com empatia, ambos por meio dos quatro componentes que são: a observação do que acontece numa situação, o sentimento ao observar a ação, a necessidade ligada ao sentimento identificado e o pedido para enriquecer

a vida. A CNV traz a relevância de compreender a profundidade desta e de reconhecer a violência existente dentro de todas as pessoas, seja ela de natureza física ou passiva, dentro de uma lógica egoísta, e da necessidade de uma mudança qualitativa de atitude para que se permita vir à tona aquilo que há de positivo nas pessoas, para que elas sejam dominadas pelo amor, respeito e gratidão (ROSEMBERG, 2006).

Conversar sobre a paz como caminho de transição na região do Cabula e entorno é trazer as perspectivas locais para análise dentro de um diálogo global que tem se estabelecido do movimento internacional Cidades em Transição, ou *Transition Towns*, criado pelo inglês Rob Hopkins presente em 14 países do mundo, com mais de 321 Iniciativas Oficiais de Transição (em cidades, bairros e ilhas) com o objetivo de transformar as cidades em modelos sustentáveis, menos dependentes do petróleo, mais integradas à natureza e mais resistentes a crises externas, tanto econômicas como ecológicas (BRANGWYN e HOPKINS, 2008).

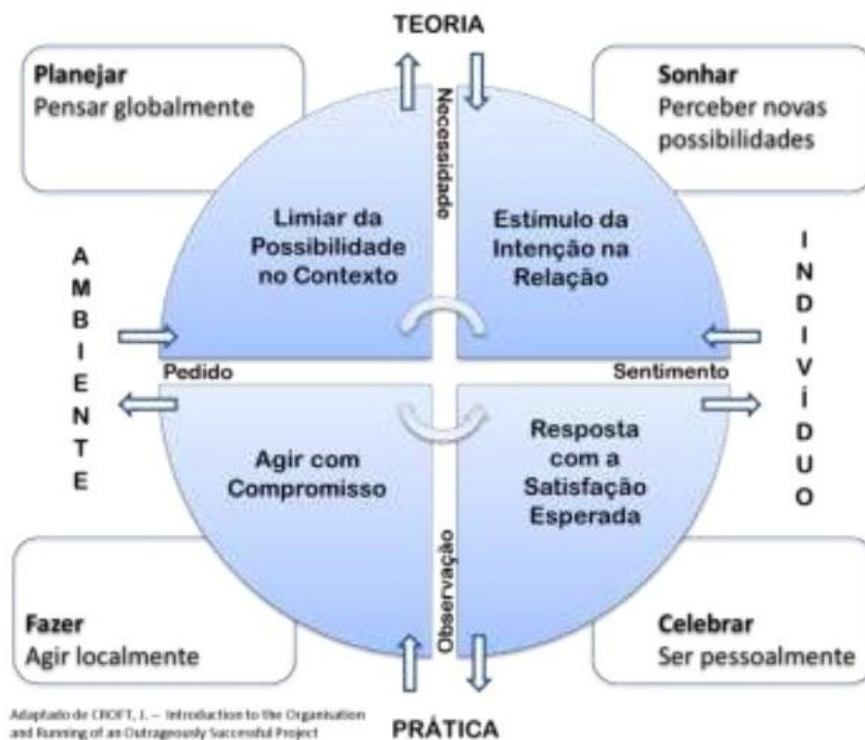
Está fundamentado em sete princípios e em doze ingredientes. Os sete princípios do movimento de transição são: visão positiva de futuro, sensibilização – um convite, inclusão – todos são necessários, resiliência – construindo comunidades locais fortes, a transição faz sentido – a solução é do mesmo tamanho do problema, a transição de que precisamos é tanto interna como externa, e um modelo viral – algo fácil de replicar. Já os doze ingredientes do movimento de transição são: forme um grupo iniciador, sensibilize a comunidade, estabeleça os fundamentos do grupo, faça um grande lançamento da iniciativa, forme grupos de trabalho, use tecnologias de conversação, desenvolva manifestações práticas e visíveis do projeto, facilite o aprendizado das habilidades necessárias, crie pontes como governo local, honre os anciões, desenvolva um plano descendente de energia, e deixe ir aonde quiser ir (BRANGWYN e HOPKINS, 2008).

Todos estes movimentos de paz, de transição, dentro outros como os movimentos sociais e ambientais atuam ao longo dos tempos fazem parte de uma revolução silenciosa da grande virada. Os diálogos de sustentabilidade tem provocado essa reflexão do despertar das pessoas e organizações quanto os seus estilos de vida e padrões de consumo. A Carta da Terra (1992, p.1) nos fala sobre esse momento crítico da Terra e a necessidade que temos uns com os outros, desta família humana, desta comunidade terrestre que tem um destino comum, “Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz”.

O processo de construção coletiva e colaborativa do ETBCES no Beiru

A metodologia do evento foi tecida de forma coletiva, colaborativa e participativa. Conforme ia se delineando as necessidades e se apresentando os cenários é que se convidou os métodos para dialogar com o que vinha à tona. A primeira necessidade do evento foi fazer com que ele fosse da comunidade do Beirú, feito com a comunidade e não apenas realizado na comunidade. Para que o Beirú tomasse o evento como seu foi necessário um apoderamento deste bem como uma auto-organização dos participantes do Beirú para esta realização. É um desafio grande, o da apropriação do ETBCES, quando este ainda não era de conhecimento geral de toda sua dinâmica e proposta de atuação. Para fazer essa conexão é que surge a metodologia do *Dragon Dreaming*, exposta na Figura 1, proposta pelo idealizador Jonh Croft, na perspectiva de trazer a dimensão do sonho para a conexão dos desejos do Beirú e direcionamento destes do processo de planejamento e ação.

Figura 1: Elaborando o processo



Fonte: John Croft (2009)

Junto ao *Dragon Dreaming* a própria prática dos princípios e ingredientes do *Transition Towns*, mais do que falar sobre, viver a transição dá uma nova dinâmica de significância e significados ao tema para o ETBCES e para o Beirú. Já que o evento vive a sua própria transição evolutiva de sair da universidade, de fazer na comunidade para o fazer com a comunidade.

Para dar início às ações da V edição ETBCES, além das propostas de captação de recursos para as agências de fomento, também iniciaram no mês de março as reuniões para construção deste. Foi feito o chamado por e-mail da rede de relacionamento do TBC que se constitui pela comunidade acadêmica da UNEB – com professores, alunos e departamentos – os participantes que atuaram nas outras edições do evento – da I a IV edição – moradores dos 17 bairros do Antigo Quilombo Cabula que tem ou teve participação em algum projeto do TBC. Com as três primeiras reuniões houve a formação do grupo iniciador. Com a proposta do evento de ser realizado com o Beirú é que se adotou a estratégia de fazer as reuniões no próprio bairro. Buscou-se que cada reunião acontecesse em um espaço diferente, conforme pode ser observado no Quadro 1, de modo que pessoas e espaços fossem sensibilizados e mobilizados para participarem do evento. Estes diferentes espaços foram sugeridos e articulados pelos próprios moradores do Beirú, que colaborativamente mantiveram contato com os diretores das escolas, agendaram os espaços com eles e convidaram pessoas para participarem das reuniões. As reuniões sendo no bairro facilitaram ainda mais a participação dos seus moradores por conta de questões como transporte e deslocamento. O horário das reuniões ao mudar para noite, por sugestão dos próprios participantes, tornou possível para as pessoas que trabalham e/ou estudam durante o dia se fazer presente e a periodicidade de uma vez na semana não deixou algo tão cansativo dentro da rotina da realidade das pessoas.

Quadro 1. Calendário de reuniões da V edição do ETBCES.

CALENDÁRIO DOS ENCONTROS DE ORGANIZAÇÃO DO V ETBCES				
EVENTO	DATA	HORÁRIO	LOCAL	OBJETIVO
1ª Reunião	25/03/2015	09h30 às 11h30	Sala de reunião do prédio do CPEDR – UNEB	Formação do grupo iniciador.
2ª Reunião	08/04/2015	09h00 às 11h00.	Faculdade de Educação da UFBA, Vale do Canela.	Definições de informações para projetos de captação de recursos.
3ª Reunião	08/05/2015	14h00 às 17h00	Sala de reunião do prédio do CPEDR – UNEB	Organização do encontro de formação dos grupos de trabalho.
4ª Reunião	15/05/2015	09h00 às 11h00	Colégio Estadual Helena Magalhães – Beirú	Definição de estratégias de atuação e articulação comunitária.
5ª Reunião	22/05/2015	14h00 às 17h00	Centro Educacional Nossa Senhora do Cenáculo – Beirú	Formação dos grupos de trabalho.
6ª Reunião	03/06/2015	18h00 às 21h00	Colégio Estadual Edvaldo Fernandes – Beirú	Identificação dos talentos dos moradores do Beirú.

7ª Reunião	10/06/2015	18h00 às 21h00	Colégio Estadual Zumbi dos Palmares – Beirú	Definição da Programação do evento
8ª Reunião	17/06/2015	18h00 às 21h00	Colégio Estadual Zumbi dos Palmares	Definição da Programação do evento
9ª Reunião	29/06/2015	18h00 às 21h00	Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães – Arenoso	Definição da Programação do evento

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Conforme pode ser observado nos objetivos deste quadro dos doze ingredientes da transição foram desenvolvidos nestas reuniões a formação do grupo iniciador e do grupo de trabalho. Além das reuniões outras ações de processo foram desenvolvidas até o momento. No ingrediente sensibilizar a comunidade foi feita uma sensibilização no dia dez de junho nos três turnos no colégio Helena Magalhães no dia de reunião de Atividade Complementar – AC para os professores, e os líderes e vice-líderes das turmas. Nas reuniões foram estabelecidos os fundamentos do grupo e em todas as reuniões foram utilizadas metodologias participativas, tecnologias de visualização e conversação, a exemplo das rodas de conversa organizadas em todas as reuniões. Uma das ações mais marcantes do ingrediente facilite o aprendizado das habilidades necessárias surgiu à vontade dos participantes das reuniões em quererem também fazer parte do processo de submissão de artigos e pôster. A partir desta demanda foi feita uma Oficina de Produção de Artigo e de Pôster no dia vinte de junho, em um sábado à tarde. Também como ação do processo foi feita a inventariação do espaço físico de três escolas para decisão do coletivo do local que sediará o evento.

O planejamento e as tomadas de decisão se deram nas reuniões com o coletivo fazendo esse processo acontecer. Toda a participação feita de forma voluntária e autogestionário. As reuniões são abertas e qualquer pessoa pode participar. Logo no início foi lançado o desafio para as pessoas que participavam das reuniões. Elas indicavam outras pessoas da comunidade durante a reunião, nas perspectivas de informação, confiança e amizade. Como fundamento do grupo toda pessoa que chegar pela primeira vez é acolhida por qualquer pessoa do grupo que a contextualiza na proposta de ação e no histórico das discussões, e toda pessoa que chega a reunião passa pela dinâmica dos sonhos. Nessa dinâmica sente o seu sonho de evento acontecendo no Beirú e registra-o livremente num papel. Existem setenta e oito sonhos registrados para este evento, escritos e/ou desenhados. Os sonhos validaram a nossa atuação quando muitos dele revela a intenção que o evento fosse construído efetivamente com as lideranças dos Beirú. A maior revelação indo além dos sonhos individuais das pessoas e do coletivo para o evento foi a revelação do sonho do bairro, dos moradores do bairro tem para o

Beirú. Ele aparece nessa dinâmica mais ele continua presente ao longo das reuniões com pessoas e lugares diferentes trazendo o mesmo sonho, o sonho do Beiru ter espaço físico que seja um ponto de cultura do Beiru. Um espaço para os artistas se reunirem e que possa ser realizado eventos culturais.

O evento ganha configuração a partir da sua estrutura de evolutiva de ações bem como das novas proposições. Assim, do seu arranjo histórico permanece as ações da Mostra de Cultura e Produção Associada ao Turismo, Economia Solidária Feira de Meio Ambiente e Saúde, a submissão de trabalhos científicos, e a realização dos roteiros. Para organizam elas se configuram nas comissões de Cultura e Arte, de Meio Ambiente, de Saúde, Científica e de Roteiros TBC, vide Figura 2. Também se organizam outras comissões na parte prática do processo de gerenciamento do evento como as comissões administrativa, logística, financeira e comunicação/ articulação comunitária. Para a quinta edição surgiram três novas comissões, uma proposta pela idealizadora do evento para a ação do I Circuito Gastronômico. E os moradores do Beiru sugeriram a criação da comissão de Segurança Humana e Social, e a de Identidade e Memória Local, esta última muito importante para o bairro contar e valoriza a estória do seu bairro desde a representatividade de seu nome Beiru foi alterado para Tancredo Neves e a mobilização deste bairro para o resgate do nome/identidade.

Figura 2: Comissões Organizadoras da V edição do ETBCES



Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Para cada comissão acima ou também chamado de grupo de trabalho foi aberta uma roda de conversa, no método do *word café*, com o objetivo de mapear os interesses dos representantes do Beiru que estivessem relacionados as comissões do ETBCES. A proposta é que os participantes identificassem as demandas/problemas existentes na comunidade e propor possíveis resoluções ou ações que poderiam ser desenvolvidas no evento a partir destas perspectivas conforme sistematizado no Quadro 2.

Quando as partes que constituem o coletivo têm consciência – através do sonho, do convite de novos participantes, das suas problemáticas – sobre o que está acontecendo, nas reuniões, da ampliando da consciência das relações e interações isso aumenta o seu potencial de auto-organização. A partir desta consciência de suas realidades é que fomenta a atuação deles.

Quadro 2. Desafios e sugestões para atuação das comissões do ETBCES.

COMISSÃO	DESAFIOS	SUGESTÕES
SAÚDE	Orientação sexual (gravidez tem gerado evasão escolar)/ Saúde mental/ Depressão/ Alcoolismo e outras drogas/ Ausência de prestação de serviço de saúde e da deficiência do que se tem. Conhecer o funcionamento do SUS.	Formar comissão de pais Capacitar professores em oficina Oficina com os adolescentes Oficina de primeiro socorros contextualizada para os desafios.
MEIO AMBIENTE	Lixo em frente as escolas, lixo no zumbi dos palmares/ Gestão de resíduos/ Reciclagem/ Desmatamento/ Consumo responsável/A questão animal	Reaproveitamento da água de chuva Reaproveitamento de alimentos
COMUNICAÇÃO E ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA	Escolas trabalham em espírito de concorrência. Falta de diálogo entre as escolas e o sistema público. A linguagem técnica a comunidade não entende. A vida prática que interfere no esvaziamento.	Como eu me sinto seduzido a ir/ participar do evento Além do convite as pessoas vão por conta de quem as convida, vão por confiança/amizade. A esta pessoa que é uma representatividade para ela. Essas representatividades são multiplicadores. Convidar uma pessoa de cada comissão a assumir a representatividade./ Fazer reuniões a noite. Não adianta utilizar carro de som e nem faixa. O que funciona é a mobilização pelo Whatsaap, telefone e facebook, o boca a boca.
MOSTRA DE CULTURA E ARTE	Nós somos uma comunidade musical. Espaço físico para realização (falta ou não simpatizam). Não existe um espaço específico para eventos culturais. Eu sonho com um espaço de cultura. Precisamos de espaço/órgão que seja da comunidade. A comunidade em outros eventos. O ceifar para usar a quadra, quem não tem recurso financeiro não faz lá, por que é pago.	Banda de axé, grupo instrumental, voz de gueto que é uma banda de percussão Grupos de capoeira Topázio e UNICAR.

Fonte: Sistematizado a partir da fala dos participantes da 5ª reunião (2015).

Essa escuta profunda que revela tanto é um registro que fica para o Beiru não adormecer o seu sonho de um espaço cultural, e do reconhecimento de sua identidade quando foi dito de forma uníssona pelos seus moradores que se faziam presentes neste encontro: Nós somos uma comunidade musical. Que neste quadro de desafios e sugestões possa acontecer uma transição.

Considerações finais

Construir coletivamente e colaborativamente proporciona um grande aprendizado para todos os participantes que vivenciam um processo participativo. O processo decisivo pode se tornar em alguns momentos mais lentos dos que os processos tradicionais com decisões unilaterais. O diálogo de uma comunidade acadêmica com a comunidade de bairro popular o aprendizado é mútuo e há muito que se aprender uma com outra, sendo uma ótima oportunidade de estreitar relações. Essa interatividade é uma oportunidade também de desmistificar uma cultura de medo e de insegurança criada quando se fala em comunidade de bairros populares. Compreender a autogestão requer uma mudança de comportamento, pois o grande equívoco da autogestão está no fato de não se ter a figura do chefe e pensar que se trata de uma estrutura desorganizada. Ao contrário disto, a autogestão requer mais compromisso e organização. As reuniões iniciais aconteceram nas universidades e tiveram o maior público da universidade do que da comunidade; porém quando as reuniões passam a acontecer no Beirú essa realidade se opõe, a comunidade acadêmica reduz e a do Beirú se amplia.

A experiência da V edição do ETBCES traz não só em sua construção os relatos de métodos utilizados que em suas fundamentações já possuem as perspectivas coletiva e colaborativa bem como exemplifica situações e produtos/resultados alcançados através desta forma de atuação.

Quanto a resposta de aceitação e adesão pelos participantes a esta forma de atuação foi perceptível a satisfação das pessoas envolvidas nesse modelo de construção e o desenvolvimento de uma relação gradativa de pertencimento com o evento. A permanência destas ao longo das reuniões e o surgimento de novas pessoas revela que elas querem estar naquele local, fazendo parte da construção do processo que beneficia o bairro que ela mora. Seja movida pelo sonho, pelo encontro de pessoas que lhes são conhecidas ou de novas, da vontade de mudar a realidade e fazer parte desta revolução silenciosa.

Como o modelo de construção coletiva e colaborativa utilizado no V ETBCES ainda está em fase de maturação os acontecimentos tem sido pontos de análise reflexiva e aprendizagem. É importante que esse modelo seja amadurecido para que nos próximos eventos a construção coletiva e colaborativa passe a ser a “alma” do evento.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam (coord.). **Escolas de Paz**. Governo do Estado do Rio de Janeiro/Secretaria de Estado de Educação, Universidade do Rio de Janeiro: UNESCO, 2001.

ADAMS, David (Relator). Relatório da sociedade civil em meio da Década de Cultura de Paz. Tradução de Carlos Barroso. Barcelona: Fundación Cultura de Paz, 2007. Disponível em http://www.fundculturadepaz.org/spa/INFORME_CULTURA_DE_PAZ/INFORME/informe_FCP_p or.pdf. Acesso em 29 de junho de 2015.

BRANGWYN, Bem; HOPKINS, Rob. Manual das iniciativas de transição. Transition Initiatives UK and Ireland Produced by Transition Network. Tradução Christina Pinheiro Revisão May East Dezembro 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/34131713/TransitionInitiativePrimer-Portuguese-0>. Acesso em 29 de junho de 2015.

CARTA DA TERRA. 1992. Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc. Acesso em: 27 de junho 2015.

Centro de Educação e Cultura Vale do Iguape – CECVI. II ETBCES – “TURISMO RURAL NA AGRICULTURA FAMILIAR E PRODUÇÃO ASSOCIADA NO BRASIL”. Disponível em: <http://www.cecvi.org.br/ii-etbces-turismo-rural-na-agricultura-familiar-e-producao-associada-no-brasil/>. Acesso em 24 de junho de 2015.

CROFT, JOHN. **Tornando os sonhos realidade**. Usando o Dragon Dreaming para construir um projeto extremamente bem sucedido: Uma abordagem abrangente em estágios. Ficha técnica 6, tradução Felipe Simas, [2009], 2011. Disponível em: <http://www.dragondreamingbr.org/portal/index.php/2012-10-25-17-02-40/fichas-tecnicas/85-introducao-a-elaboracao-de-projetos-bem-sucedidos.html>. Acesso em 24 de junho de 2015.

DISKIN, Lia. **Paz, como se faz?** Semeando cultura da paz nas escolas. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro, UNESCO, Associação Palas Athena, 2002.

ROSEMBERG, Marshall, B. **Comunicação não-violenta**. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo. Ágora. 2006.

SILVA, Francisca de Paula S. da; COIMBRA DE SÁ, Natália (Orgs.). **Cartilha (in) formativa sobre Turismo de Base Comunitária: "O ABC do TBC"**. 1. ed. Salvador: EDUNEB, 2012. v. 1. 32 p.

SILVA, Francisca de Paula Santos (org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno**. Salvador: EDUNEB, 2013.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. UNEB realiza III ETBCES; Campanha de doação de sangue integra programação. Disponível em: <http://www.uneb.br/2013/07/09/universidade-realiza-iii-etbces-entre-os-dias-10-e-14-de-julho/>. Acesso em 24 de junho de 2015.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. UNEB realiza 4º Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária. Disponível em: <http://www.uneb.br/proex/2014/11/11/uneb-realiza-4%C2%BA-encontro-de-turismo-de-base-comunitaria-e-economia-solidaria/>. Acesso em 24 de junho de 2015.